

PESSOAS TRANSGÊNERAS

Dalvori Terezinha Barreto E
Sueli Aparecida Gonçalves

RESUMO

Falar em diferenças de comportamento sempre foi um tema muito abrangente e delicado de se discutir. Especialmente quando este diz respeito a sexualidade das pessoas. A sexualidade das pessoas transgêneras sempre foi algo pouco explorado. Pois exige certa cautela ao se mencionar o assunto, pois existe ainda muito preconceito quando se trata do referido tema na maioria das vezes o preconceito começa dentro da própria família em que o indivíduo está inserido. Por faltar programas de assistência e esclarecimentos de acesso a pessoas, a relação dos seres transgêneros torna-se cada vez mais difícil de serem estabelecidos de forma a animizar esses conflitos, levando as pessoas a se sentirem abandonadas e desprotegidas por quem deveria zelar pela sua vida. E escola através dos professores se vê incapacitada para lidar diante de fatos tão complexos, deixando crianças com muitas perguntas sem respostas.

Além disso, é na escola que a criança transgênera se esbarra com sua realidade gritante, porque de forma inocente as crianças desde pequenas praticam o preconceito em suas brincadeiras, a criança não está sendo preparada para aceitar o outro como um ser normal que possui diferenças de genéticas de gênero e não um doente que deva ser isolado. O presente artigo tem como função buscar esclarecer como ocorre este processo de auto-afirmação de identidade entre as pessoas que possuem em sua genética a identidade de gênero que não reconhece o corpo que ocupa. Os preconceitos a elas atribuídos e de que forma está pessoa está se inserida nos meios sociais. Para que nossa pesquisa surta efeitos que comprovem a sua autenticidade buscamos nos embasar na fala dos teóricos que já se aprofundaram no tema..

Palavras chaves: Transgêneros, Relações Sociais, Preconceitos.

1. INTRODUÇÃO

As grandes expectativas de realizar esta pesquisa é ajudar as pessoas na aceitação do outro com suas diferenças e limitações, o identificando como ser humano simplesmente. E através do conhecimento poder ajudar crianças a se aceitarem e serem felizes independentes de sua condição genética.

Buscar orientações para conceituar o que é certo ou errado na pré-avaliação sobre o outro e abolir o preconceito da vida das pessoas. Esclarecer o termo Transgênero. Quem são eles? Como eles próprios se identificam? Quais os tipos de

violências sofridas pelo fato de serem diferentes? Como as instituições família, escola e sociedade os recebem?

As fontes teóricas servem para indicar como se pretende embasar os dados encontrados. Eles serão trabalhados conforme o assunto a ser pesquisado dando efeito à proposta de estudo. Tendo como referências os autores e pensadores que já se dedicaram ao tema para se poderem adicionar dados novos, rebater ou reforçar o que tinha sido defendido, no caso “transgêneros.”

O artigo visa esclarecer a condição de pessoas que possuem conflitos de confirmação de identidade. Na realidade são pessoas que estão inseridas em nosso meio batalhando para serem aceitas como são. Onde ocorre e transparece a maior manifestação de preconceito é no ambiente escolar e nas relações sociais.

No decorrer de nosso artigo procuramos esclarecer o termo transgênero e quais suas particularidades. Buscamos ouvir depoimento de família que convivem com filho transgênero, quais suas expectativas e como se desenvolveu o processo de aceitação e estruturação do novo ser.

Dentro das relações sociais qual é o programa existente para dar amparo ao transgênero, livrando-os dos preconceitos e barreiras que enfrentam no seu cotidiano.

Buscando esclarecer sobre direitos e deveres das pessoas de exercer sua cidadania em qualquer segmento da sociedade, independente de sua condição. Mostrar que uma sociedade é formada pelas diferenças das pessoas e pela inclusão de todos.

2.1. Transgêneros

"Somos diferentes, mas não queremos ser transformados em desiguais. As nossas vidas só precisam ser acrescidas de recursos especiais". (Peça de teatro: Vozes da Consciência, BH)

Muito se fala em inclusão, respeito das diferenças, mas esquecemos que existe problema de ordem genética, que fogem do controle do ser humano, não ocorrendo por sua opção em assumir um gênero e sim por ser de natureza própria, cedo ou tarde a genética se sobreporá ao corpo assumindo assim sua natureza.

O termo transgênero é novo e pouco tem se falado sobre ele. Talvez por desconhecimento outras vezes por omissão. Neste contexto se observa que as instituições não estão preparadas para lidar com algo tão complexo. O indivíduo Transgênero, fica no meio de uma discussão entre as pessoas que ele convive diariamente, fazem julgamento, e aplicam veredicto antecipado sobre ele. Para família na maioria das vezes é mais fácil a omissão dos pais do que encarar a realidade. Famílias que sentem vergonha do filho, usando da repressão e castigos para justificá-lo perante a sociedade, definida como ser do gênero masculino ou feminino. Existem pais que se culpam e procuram culpados para justificar o desconhecido.

Dar significado ao ser transgênero, que não é um desvio de comportamento e sim um distúrbio genético, de um ser que nasceu em um corpo físico que não lhe pertence, ou seja, que seu cérebro lhe envia informações de não reconhecimento do corpo físico, desejos e atitudes oriundas do sexo oposto. Por ser algo ainda novo para a ciência, as pessoas tem sofrido preconceitos de toda a ordem, familiar, escolar, trabalho e relações sociais. Os agressores usam de todo o tipo de pejorativos para atingir o outro, muitas vezes até atribuindo a violência física, atitudes estas que já levou muitas pessoas a praticarem o suicídio.

A família muitas vezes se torna um ambiente de ofensas, culpas e omissões atribuídas a pessoa transgênera, a família de quem deveriam receber todo o apoio para se auto firmar sua identidade as vezes se torna um campo minado de desconstrução de identidade.

Para a família se torna um tabu, ninguém fala sobre o assunto e muitas vezes até ignoram deixando o filho quase que isolado da convivência familiar. O fato de assumir tal postura de aceitação da realidade representa dar explicações a sociedade preconceituosa, às vezes é mais fácil fingir que isso é passageiro na vida do filho, a família prefere a omissão a aceitar a realidade com normalidade.

No que se refere à contextualização do preconceito Picasso (1999, p.99) diz que: “O preconceito é um pré-julgamento, um sentimento ou resposta antecipado a coisas ou pessoas, portanto não se baseia em experiências reais” e para completar a idéia do autor segue o trecho de uma outra obra:

[...]o preconceito seria apenas a crença prévia (preconcebida) nas qualidades morais, intelectuais, físicas, psíquicas ou estéticas de alguém, baseada na idéia de raça. Como se vê o preconceito pode manifestar-se, seja de modo verbal, reservado ou público, seja de modo comportamental, sendo que só nesse último caso valores de personalidade e internaliza as interpretações sociais ao é tido como discriminação (GUIMARÃES, 2004, p.18).

O preconceito esta intrinsecamente ligado ao comportamento a cultura social em que o individuo esta inserido

Na infância e adolescência a criança não tem noção de quem é ela realmente, então à violência é entendida por ela como ato discriminação de colegas manifestados por gozações e brincadeiras maldosas. Na sociedade muitos pais afastam as crianças como se o outro tivesse doença contagiosa e assim os meios sociais vão criando seres preconceituosos que se desenvolvem, incapazes de reconhecer o outro, de produzirem atitudes que minimizem a sofrimento do outro. Reconhecer que é nas diferenças, que produzimos o nosso conhecimento e nos permitirmos crescimento pessoal, intelectual e espiritual.

[...] como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade (LOURO, 1999: 29).

Sócio-histórico com suas mais diversas e variadas condições de ser e estar no mundo. Com isso, as experiências de vida vão adquirindo significados a partir do conhecimento e do reconhecimento de si.

Lopes apresenta uma distinção conceitual entre os “estudos de Queer”, mais sistematicamente estruturados a partir dos anos 70 nos EUA, e os estudos contemporâneos de homo erotismo, homossociabilidade, homo textualidade e gênero:

“Os estudos Queer atacam uma repronarratividade e reproideologia, bases de uma heteronormatividade homo fóbica, ao naturalizar a associação entre heterossexualidade e reprodução. As questões homoeróticas são percebidas como pertinentes para o conjunto de uma sociedade em rápida transformação diante das novas tecnologias, em que as imagens virtuais, sintéticas, são reproduzidas eletronicamente e as identidades se apresentam de forma mais instável e complexa, reafirmando vínculos entre política e cultura, teoria e prática, na criação de novos contextos e na redefinição de formas de gregariedade, em meio à dispersão contemporânea.”⁴⁹

Nessa perspectiva, do direito da pessoa assumir sua identidade de quem deseja ser, estaremos sempre falando sobre identidades e não de identidade, considerando ainda o contexto em que o ser humano está inserido, contexto este sócio-histórico e suas relações sociais.

Para Foucault (1999), o sujeito produz-se nas relações de poder como um efeito do discurso. O sujeito não tem autonomia sobre seu discurso, porquanto este se materializa pelas posições de sujeito que definem os discursos "pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos." (Foucault, 1999, p. 59).

Diante de tais imposições sociais o sujeito trans. Não faz o que quer e sim o que lhe é possível, condicionado às posições que ocupa em determinado tempo-espço, subordinado a uma ordem disciplinar determinada. O que torna quase que impossível evitar com que discursos distorcidos sobre a realidade homossexual ganhem dimensões inacreditáveis a nível social. O ser humano transforma-se em sujeito do discurso, assumindo posições discursivas impregnadas das marcas do histórico e do social, tendo que aceitar a realidade que já o conceberam socialmente.

Segundo Foucault (1996) chamou de dispositivo da sexualidade, pelo qual a sexualidade seria produzida e regida, assim como o sexo, e disciplinada. O dispositivo da sexualidade produziu prescrição de normas e regras para o funcionamento do sexo, e continua interferindo na constituição das identidades sexuais dos sujeitos.

Partindo do princípio de que estamos inseridos em uma sociedade onde a maioria das relações sociais se dá a partir de uma lógica de gênero binária, onde os papéis de gênero são definidos desde o nascimento com base nos órgão genitais externos e a partir dali se determina qual padrão de comportamento cada pessoa deve apresentar, o nome atribuído logo após o nascimento, algumas vezes até escolhido antes deste, possui uma importância fundamental na representação desses papéis. Sob essa ótica, os problemas surgem quando o indivíduo passa a manifestar uma identidade de gênero diversa daquela que foi definida pela sociedade com base nos seus genitais e deseja, entre tantas outras coisas, ser chamado ou chamado por um nome que corresponda à identidade com a qual ele ou ela se percebe e se reconhece e não com a que lhe foi atribuída pelos outros.

Esse é um dos principais conflitos pelos quais passam as pessoas trans, e há muitos anos, e são os motivos de debates em encontros de travestis e

transexuais sobre as dificuldades de não possuir um nome que corresponda à sua verdadeira identidade. Por muito tempo, os movimentos organizados de travestis e transexuais, especialmente a ligada à rede ANTRA2, Associação Nacional de Travestis e Transexuais, é uma rede de entidades fundada em 2000 e que atualmente conta com 105 organizações associadas com o objetivo de ajudar as pessoas trans.

Atualmente a sociedade não oferece nada que possa sustentar uma relação homossexual de direitos e aprovação social. Neste cenário pessoas transgêneras continuam querendo viver suas vidas de maneira natural, como qualquer pessoa tem direito dentro das relações sociais.

Este relato é a fala de uma família que sofre na pele a realidade de seu filho, os preconceitos e batalha de aceitação. Este é um depoimento verídico.

Pai, mãe e filha são os personagens do depoimento. O pai conta que sempre ignorou a assunto era muito difícil de aceitar algo que ele sempre repudiou isso lhe causava indignação o fato de seu filho gostar de brincar com meninas e não meninos, pedir de presentes brinquedos de meninas. O pai ignorava os desejos do filho, sentia-se envergonhado esse culpava por tal situação. Era mais fácil se omitir.

Na fala da mãe, ela confessa que sempre soube que seu filho apresentava características diferentes dos outros filhos, nunca o recriminou e aceitava-o com era, mas não incentivava suas atitudes era pacífica. Com o decorrer dos anos observava que o filho começou a se retrair e ficar angustiado gostava só da companhia da mãe era ótimo companheiro e aprendia tudo que a mãe lhe ensinava. A mãe podia viajar que ele tomava conta da casa, suas irmãs não possuíam a capacidade de responsabilidade que ele era capaz, porém a vida dele era sem alegria estava sempre triste e descontente com tudo que era seu, admirava as roupas, calçados e bijuterias das irmãs, a mãe fazia de tudo para agradá-lo.

Aos 12 anos o filho chamou seus pais para conversar, e a bomba explodiu, diz a mãe, o pai queria que o chão se abrisse, tentou justificar para o filho e desfazer o fato. A mãe observou a atitude do marido em silêncio depois disse: eu sempre soube da real situação de meu filho e de sua luta todos esses anos. Diante do clima

tenso a mãe disse abraçando o filho, você nunca deixará de ser meu filho independente da situação. O pai também abraçou o filho e disse: seja o que Deus quiser, ele sabe de todas as coisas. Esta atitude mudou a vida do filho que hoje se considera uma pessoa feliz.

A filha conta que era totalmente infeliz e que o preconceito é algo que está enraizado na cabeça das pessoas. Durante sua vida sofreu por muitas situações desagradáveis na escola e na sociedade, mas agora se sente dona de suas próprias vontades e digna de respeito.

Ela está lutando para mudar seu nome nos documentos e o direito a mudança de sexo, que é muito burocrático, mas a sua condição e o corpo ela já assumiu como mulher.

Na infância e adolescência sua maior frustração era nas épocas de festas como natal, páscoa etc. que seu pai pegava os filhos e levava ao cabeleireiro para cortar o cabelo bem curtinho quase careca isso o incomodava muito e a compra dos presentes de natal que não condizia com seu gosto. "Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças" (Mantovan) . Este depoimento mostra que é possível conviver e aceitar o outro independente de suas diferenças. Que são as diferenças que leva as pessoas a se admirarem e respeitarem seu semelhante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Há homens que lutam por um dia e são bons; há outros que lutam por um ano e são melhores; há outros, ainda que lutam por muitos anos e são muito bons; há, porém, os que lutam por toda a vida, estes são os imprescindíveis." (Bertold Brecht)

Considera-se que a sociedade ainda é heterogênea, sendo influenciada por valores e crenças pessoais, de uma visão conservadora de valores impostos, que cultiva o preconceito e a discriminação.

O objetivo deste artigo foi de buscar descobrir por meio da pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo como e essas crianças e jovens se inserem dentro dos meios sociais.

Diante dos fatos e relatos, observa-se que o preconceito está muito presente em nosso meio e que as escolas bem como o corpo docente não estão sendo preparados e qualificados para acolherem esses alunos, preparando-os para se encontrarem e se identificarem, diminuindo assim a angústia de não saberem quem são na realidade. Efetuando assim a inclusão de maneira correta e menos traumática para este aluno.

A pesquisa mostrou como a falta de respeito ao semelhante torna as pessoas insensíveis com o semelhante ao ponto de tratá-lo como um ser não pertencente ao que chamamos de sociedade. Percebe-se que os programas sociais são ineficientes, pois existem no papel, mas não surtem grandes efeitos na vida real das pessoas. A falta de consciência dos que se dizem normais às vezes provocam a destruição do outro pela presença do preconceito histórico enraizado em nossa criação e visão de mundo, como ser homem, mulher como sexo definido de masculino ou feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Foucault, M. (1984). *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (M. T. da Costa Albuquerque, & J. A. G. Albuquerque, Trads.). Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres* (M. T. da Costa Albuquerque, & J. A. G. Albuquerque, Trads.). Rio de Janeiro: Graal.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito e discriminação. São Paulo: Editora 34, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. In: LOPES, Denilson et al. (Orgs.). Imagem e diversidade sexual. São Paulo: Nojosa, 2004b

SALIH, Sara. Judith Butler e a Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

As referencias tem que estar em ordem alfabética e tem autores aqui que não vi citações dele no seu texto, portanto pode retirar da referencia.